



Alguns pensamentos do parceiro de Niemeyer

Mania de trabalhar — Acho graça quando me perguntam: você ainda trabalha? Claro que sim. O trabalho é diversão de velho. O artista tem essa capacidade, que é trabalhar sempre, até o fim da vida. É a mesma coisa que perguntar para Strawiski: você ainda compõe? A arte faz com que todo mundo tenha a mesma idade. Por isso, gosto muito de conviver com os jovens talentos.

Brasília — Me emocionei no batizado de André Octávio, bisneto de Juscelino Kubitschek. Fiquei

pensando no fato de que, naquele momento, estava sendo batizado o bisneto do criador de Brasília.

Tempo — Para mim é muito difícil perceber o tempo através de um memorialismo detalhado. Não consigo lembrar de muitas coisas, desde o dia que aqui cheguei, em 1958, até hoje. Era muita poeira, muita terra e muita obra. O crescimento de uma cidade é como o crescimento de uma criança. Quem está ali do lado, cuidando e acompanhando, não percebe.

UnB — Fui aposentado compulsoriamente. É engraçado isso. aos 70 anos o sujeito é obrigado a sair de seu emprego. Eu adorava dar aulas sobre técnicas de pintura, mas fui aposentado.

Parceria com arquitetos — A grande dificuldade é não errar na escala do desenho. Às vezes os espaços são enormes e a gente não tem muita noção. Alguém me disse: Athos, esse é o tipo de trabalho que dá certo ou não dá certo. Você começa a trabalhar quando o pré-

dio ainda está sendo construído. Como um decorador, que tem a função de fazer o ornamento da obra, uma espécie de arte final. Foi Le Corbusier quem criou essa parceria de arquitetura com artes plásticas. Ele era, na realidade, também pintor e escultor. No Brasil, Oscar Niemeyer sempre dialogou com os artistas em seus magníficos projetos arquitetônicos. A experiência piloto, no entanto, foi feita no prédio do Ministério da Educação, com azulejos de Portinari.